

(RE)ENCONTROS E DESENCONTROS: O CORPO-CRÍTICO COMO EXPERIÊNCIA REFLEXIVA

Marcos Martins - UFES

RESUMO

A partir de um olhar e de uma escuta direcionadas à cidade, objetivou-se a experiência do corpo no espaço urbano por meio do caminhar como ação poética capaz de suscitar um corpo-crítico que percebesse na paisagem e na arquitetura a relação entre Corpo e Cidade. A metodologia utilizada inspirou-se na *flanerie* e a observação crítica da vida urbana. Buscou-se assim revelar as brechas e vazios produzidos por uma alienação do espaço público que cauteriza a experiência sensorial de imersão do corpo na cidade, frutos da leitura de uma cidade fragmentada, de onde as ausências e o caos engolfam a vida, anulando a experiência do corpo na cidade.

Palavras-chave: Intervenção Urbana, Corpo-Crítico, Paisagem

ABSTRACT

*From a direct observation and an attentive listening to the city, this research emphasizes the experience of the body in the urban space taking the act of walking as poetical action as a means to excite a critical-body that could perceive in the landscape and in the architecture between body and city. The methodology used was inspired in *flanerie* in the city and the critical observation of urban life. One thus searched to disclose, breaches and emptinesses produced by an alienation of public space that cauterizes the sensorial experience of immersion of the body in the city, fruits of the reading of a city broken where the absences and the chaos engulf life, annulling the experience of the body in the city.*

Key words: Urban Intervention, Critical-body, Landscape.

Em meados do mês de agosto de 2003 saí em viagem de Fortaleza, minha cidade natal, para a cidade de Cuiabá, capital mato-grossense. Trajeto este que foi feito de ônibus e que levou cerca de três dias até o destino final, com uma conexão na cidade de Brasília para mudança de transporte rodoviário.

Após dois dias na estrada, ao chegar na rodoviária de Brasília, comprei o bilhete para dar continuidade ao destino desejado. Acertei os pormenores e, com algumas horas de espera para embarque, resolvi caminhar pelo saguão da rodoviária

observando o movimento das pessoas que circulavam apressadamente pelo equipamento público.

Avistei, sentado em um dos bancos de espera, um Senhor de meia idade com barba grisalha longa que lhe cobria o pescoço. Ao seu lado, um par de muletas escoradas entre pilhas de caixas que lhe pertenciam e algumas poucas malas. Ele se postava descansado e sereno, lendo um livro sem capa e com folhas já amareladas pelo uso e tempo. Chegou o ônibus, tomei-o e parti para meu destino.

Dez dias após, quando retornava de Cuiabá, desci novamente na rodoviária de Brasília a fim de fazer uma conexão, desta feita inversa, com destino a Fortaleza. Chegara à rodoviária cedo demais, cerca de uma hora da manhã e teria que esperar amanhecer para tomar um ônibus urbano que me levaria ao aeroporto de Brasília, pois a volta à Fortaleza seria feita por lá. O voo sairia no final da manhã e já não dispunha de recursos para hospedar-me, algo comum em fins de viagens. Diante da situação que me era imposta pelo destino ou pelo tempo, resolvi apropriar-me de algum mobiliário urbano, tal como fizera aquele homem que vira dez dias atrás, naquela mesma rodoviária.

Procurei um lugar que me parecesse o mais tranquilo e o mais seguro possível. Encontrei num balcão de atendimento a clientes de uma das empresas de transporte rodoviário meu leito noturno e provisório. Deitei-me no chão, do lado interno do balcão, de forma que o móvel me resguardasse; a mochila me servira de travesseiro e a outra bolsa, que levava comigo, amarrei-a ao meu corpo com sua alça.

Amanheceu, era por volta de cinco horas da manhã, não dormira suficientemente bem, mas, estava satisfeito em saber que em poucas horas estaria em Fortaleza. Levantei-me e fui à procura do banheiro da rodoviária para recompor-me. Tomei um café; olhei no final do saguão da rodoviária e avistei o mesmo homem com quem me deparara dez dias atrás e quem cuja forma de ocupar aquele espaço de passagem me inspirara a fazer o mesmo naquela noite. Ele ainda dormia, cobria-se com uma manta de cor cinza que o protegia do frio ferrenho. Ainda assim, parecia tranquilo e despreocupado enquanto suas caixas e bagagens lhe cercavam o corpo como que o protegendo.

No mesmo ano que vivenciei a experiência na rodoviária de Brasília, passei a buscar nas ruas de Fortaleza e por todas as demais cidades por onde doravante estive, ocupações análogas as que presenciei. Esta busca contínua resultou no direcionamento desta pesquisa, numa tentativa de compreensão dos pormenores velados por essas ações.

Assim, pela metáfora do "Colher" como prática de percepção do espaço, tomei a cidade como uma seara e meu corpo como o ceifeiro desta. O caminhar aqui é tomado como um ato crítico e sensorial, como uma experiência poética de (re)encontros e desencontros do meu corpo com o espaço público.

O desenvolvimento dessa ação justifica-se pela necessidade de compreensão das ambivalências intrínsecas entre o corpo no espaço e o espaço destinado ao corpo, ou seja, o corpo que se relaciona e interage com o meio através da arquitetura e essa mesma arquitetura que estabelece com esse corpo uma ordem, forma ou linguagem para interação.

Num primeiro momento, fora por meio do mapeamento e investigação das ocupações das arquiteturas dos mobiliários urbanos que essa etapa construiu-se ceifando da cidade suas imagens capturadas para fomentar a discussão crítica que se faz necessário.

Esses processos lidam com questões inerentes ao espaço e a cidade, abrangendo as situações de desequilíbrio social e contribuindo para formar uma consciência do corpo-cidadão através da participação para a desalienação da vida; uma vez que essa alienação tem tornado o mundo e as cidades elementos estranhos ao corpo, fazendo com que as pessoas não se percebam mais capazes de transformar a paisagem que lhes rodeiam.

Os dois casos que se seguem são exemplos seminais desses (Re)encontros e Desencontros do corpo com a cidade. Deram-se entre 2003 e 2005 e fazem parte desse processo artístico-investigativo.

Seu Alves



Fig.01- Seu Alves, poeta (2009)

Seu Alves se desloca todas as manhãs de sua casa, que fica nas proximidades do terminal de integração do Papicu, bairro homônimo, em direção à Avenida engenheiro Santana Júnior, em Fortaleza. Em poucos minutos chega ao ponto de ônibus onde improvisa uma cobertura com lona plástica para proteger-se do forte sol cearense.

Tem como companheira de sombra uma castanholeira localizada no eixo da quadra. Ainda cedo o tráfego de pedestres e carros na região já se intensifica. Ali, Honorato Alves, o poeta-sapateiro exerce seu ofício; no carrinho que o acompanha estão os apetrechos da profissão. Há 17 anos ocupa a mesma calçada, habitando, construindo e inscrevendo sua presença na paisagem e na memória dos passantes.

Com tinta ele pinta as paredes brancas dos muros, os postes de iluminação, as calçadas, os bancos, todos os mobiliários urbanos debruçam-se aos seus versos e pensamentos, com mensagens que ao serem escritas são oferecidas ao público que por ali circula, num diálogo mudo entre ele e as pessoas que o observam, palavras carregadas de materialidade e de voz.



Fig.02 a 04 - Inscrições no muro, piso e mobiliário urbano (2003)

Suas inscrições começaram com um cartaz com os dizeres: "sapateiro Alves – onde o velho fica novo" após ser retirado, seu Alves não hesitou em estender suas palavras aos muros, outrora brancos do terreno baldio e que foram incansavelmente repintados e re-escritos por ele e que hoje tomam toda a quadra.

Desta forma ele habita um espaço de passagem e o transforma em lugar, pois "o espaço é um lugar praticado" como dizia Certeau (1994, p.202). Sua ação parece encontrar nesse lugar o acolhimento da palavra materializada em grafismos de tintas cores.

A paisagem rende-se assim as suas mãos e a cidade aos seus sonhos. Mesmo com a recém chegada do *supermarket* que fora construído no terreno vago demolindo algumas de suas inscrições nos muros do terreno, tentando preencher os vazios brancos de cal com uma arquitetura nova. Os muros demolidos, não são capazes de apagar as memórias, estas resistirão como vestígios em cada um que a presenciou.

Dona Francisca

Na Avenida Santos Dumont, em Fortaleza, uma imagem pontuou a paisagem externa que avistara da janela do coletivo - a presença duma senhora que estava a habitar um dos abrigos de ônibus daquela movimentada avenida. A construção de sua espacialidade, no mobiliário, deu-se de forma lenta e processual, em três momentos: (1) pela demarcação do lugar com sua presença, (2) pelo comércio informal que ela exercera logo após o processo de ocupação e (3) pelo jardim que ela edificara reciclando garrafas PETⁱ e latas de embalagens. Presenciei estes momentos com um olhar atento de forma a enquadrar seu "habitar com o corpo" como uma construção poética no espaço urbano.



Fig.05 - Dona Francisca e sua ocupação do mobiliário urbano da cidade (2003)

Primeiramente ela o fez inserindo sacolas sobre uma metade do banco de concreto do abrigo. Esses volumes continham suas roupas, apetrechos e objetos ficando sobre o assento, como uma forma de delimitar o lugar deixando a outra parte do banco para o uso dos transeuntes que por lá passavam. Em um segundo momento e com a colaboração dos moradores da região ela passou a exercer o comércio informal com venda de balas e doces em uma pequena banca-móvel no abrigo de ônibus. Por fim, num terceiro momento, ela construiu um jardim em uma das laterais do mobiliário, jardim este que fora se espalhando em verde pela calçada quebrando o cinza de concreto da construção do abrigo de passagem (FREITAS, 2009).

Sua ação e sua presença pareciam absorver os vazios e rastros deixados naquele não-lugarⁱⁱ ao transformá-lo pela ação de seu habitar-corpo que criara uma memória urbana daquele contexto na cidade, inscrevendo com sua ação gestual no lugar de passagem do ponto de ônibus a materialização de seus desejos íntimos poetizados em ações puramente simbólicas que podiam atingir o corpo mais despercebido.



Fig.06 e 07 – Banca de balas e Detalhe Jardim, respectivamente (2003)

Colhendo com o Corpo “Atalho” (2008)

A Intervenção “*Atalho*” deu-se em 2008 durante o Fora-do-Eixoⁱⁱⁱ em Brasília, evento que reuniu artistas de várias cidades brasileiras tendo como proposta o pensar crítico e a interação dos artistas com a capital federal. O processo de investigação dos espaços de circulação da cidade se deu a partir da imersão e observação feita das dinâmicas e fluxos que a cidade gera. Concentrei-me em duas regiões do plano piloto: a superquadra 409 (de uso residencial) e o “eixão” no Centro.

Ao estudar o projeto urbano desenvolvido para Brasília observam-se os planos de setorizações, onde se criou um perímetro urbano com a fragmentação e especialização dos espaços habitados.

Ao projetar Brasília o urbanista Lúcio Costa propôs as superquadras como modelo a ser implantado ao longo dos eixos norte-sul procurando organizar a vida privada a partir das unidades de vizinhança, dos lotes mínimos, da seriação da vida, da paisagem e com a ordenação dos serviços essenciais necessários e localizados próximos a essas unidades de habitação. No entanto o ponto que se destaca no plano urbano de Lúcio Costa é a valorização do carro, onde o parâmetro do corpo não fora contemplado.

Ao observar os vários desvios que são formados pelos corpos, percebe-se a formação de atalhos, rastros que evidenciam o vermelho-barro entre o verde gramado do planalto. Caminhos abertos pelo ato de caminhar deslocando-se indisciplinamente pelas trilhas, unindo fluxos, sugerindo encontros e interligando lugares. Uma subversão ao plano urbano do arquiteto-urbanista, linhas desenhadas pelos corpos no momento do pisoteamento da grama, caminhos que afirmam uma presença e que são denominados por alguns da cidade como “linhas do desejo” pondo-me a refletir sobre os desejos desejados pelos homens.

Assim, escolhi um dos atalhos para sinalizar, procurando nos cruzamentos e nas causalidades dos encontros a presença do corpo, revelada pelos resquícios de sua passagem ao formar as linhas que desenharam a paisagem da cidade. Ressaltando que em um primeiro momento, fora por meio do mapeamento e da investigação das

arquiteturas dos mobiliários urbanos que essa etapa construiu-se como poética de colher com o corpo, ceifando da cidade suas imagens, capturadas para fomentar a discussão sobre as formas de habitar é que a arte pode atuar na existência humana indagando sobre as coisas do corpo, do afeto e da percepção que se tem do mundo.

Suas ações promovem pensamentos que interpelam sobre a vida para se aproximar da realidade. Nesta relação entre corpo, arquitetura e cidade as alteridades se manifestam nas construções, nos traçados urbanos, nas formas e materiais adotados pelas arquiteturas, onde de forma estratégica se repele ou se controla as ações e deslocamentos deste corpo.



Fig.08 a 10 Intervenção “Atalho” na superquadra 409 em Brasília (2008)

Esta sobreposição da paisagem social foi oriunda tanto do tempo quanto da linguagem estabelecida e têm se constituído a partir da síntese dos elementos presentes nos lugares de sua apreensão através das imagens existentes, pois a cidade, como sendo uma realidade objetiva - com suas ruas, edificações, monumentos e praças é, em sua essência, uma ambiência a partir da qual se desenvolvem as subjetividades e de onde se constrói suas representações que são portadoras de propriedades comunicativas, materializadas pelos signos, cores, formas, tamanhos, mobiliários e intervenções.

Pode-se observar que a mente humana necessita dessas diferenciações ao classificar e nomear os vários lugares nas cidades. Esta afirmativa pode ser evidenciada nas necessidades de habitar um lugar, mesmo que temporariamente.

Como enunciado por Gaston Bachelar (1993, p.23) esses elementos acabam servindo de ordenadores do sistema urbano, de onde o cidadão sedentário faz suas escolhas e elege um mapa mental, construindo percursos e trajetórias na urbe, tendo como referência o seu habitar, sua casa ou seu lugar de repouso. Para o nômade.

CONSIDERAÇÕES ATÉ O MOMENTO

É primeiramente pelo caminhar que estabeleço a cumplicidade do meu corpo no corpo da cidade. Ambos são porosos, se intercomunicam e se contaminam, são sensíveis quando exercitados e atrofiados quando são tolhidos, de forma que a cidade é aqui posta como campo aberto para a experimentação artística, possibilitando a aproximação entre teoria e prática nos processos de reconhecimento contidos em sua essência.

Aproximando essas duas experiências observadas em Fortaleza percebe-se que a construção do espaço em ambos, Seu Alves e Dona Francisca, deu-se a partir das ações de seus corpos e das re-significações que estes fizeram dos espaços

públicos; ao transformá-los em lugar praticado e capaz de transformar o outro pelas suas ações na paisagem da cidade, pois a paisagem carrega consigo essa força de significados que potencializam a inscrição desse corpo na cidade.

O caminhar-crítico fora tomado aqui como uma forma de intervir no espaço urbano da cidade e teve início com as experiências na cidade de Fortaleza (2003-2005) ao perceber as construções de Seu Alves e Dona Francisca. Este momento é seminal e desnuda minha percepção para as diversas formas fortuitas de habitar os espaços urbanos. A partir deste momento me percebo vagabundeando pelas cidades, observando suas paisagens e este pensamento encontra lugar na arte através das ações que pretende construir um “Corpo-crítico”. Este corpo manifesta-se e aciona-se nas subversões ao engessamento e controle, colocando-se como agente que transforma a experiência na cidade ao perceber as estruturas de poder que manipulam a dinâmica social com estratégias que buscam emudecer as vozes dos cidadãos e desumanizar os espaços públicos.

O Corpo-crítico aqui, busca construir pelos rastros de suas passagens e pelas construções e apreensões que ele faz da cidade uma "corpografia" como memória do espaço que fora capturado pelo corpo. (JACQUES, 2006, p.119). Pondo-se como uma experiência ímpar de *práxis* do cotidiano que propõe pela interação com a realidade e com o outro uma compreensão da verdade social. Possível tão somente pelo exercício perceptivo e pela imersão do corpo no espaço urbano.

Uma vez que a cidade vem adotando um modelo de crescimento descomprometido com os interesses sociais, transformando as experiências do corpo pelos processos de despolitização dos espaços públicos, catalisados pela alienação e espetacularização da urbe, onde a experiência de caminhar fora facilmente suprimida pelas grandes distâncias a serem vencidas pelo automóvel.

Como consequência dessa desvalorização, os espaços públicos de circulação e convívio tem sido substituído por novas formas de pseudo-espaços públicos como as arquiteturas-monumentos que se erguem na paisagem a partir da segunda metade do século XX, impondo-se como imagem-referência (LYNCH, 1999, p.51) da modernização da cidade e como símbolo desse crescimento e desenvolvimento

estabelecido, transformando não somente a paisagem urbana, mas também a dinâmica da cidade e as relações sociais nela contidas (SANTOS, 2007, p.54).

Esses exemplos visam contribuir para uma reflexão sobre a despolitização da vida e do espaço metropolitano que tem se revelado incompreensíveis, complexos e fragmentários no tempo presente, onde a cidade se apresenta cada vez mais inapreensível como totalidade, ao ser marcado pelo crescimento e pela transformação de suas paisagens. De onde os elementos dominantes presentes são ligados pela primazia pragmática das lógicas do mercado imobiliário e pela valorização do automóvel (SOUZA, 2006, p.15).

Desta forma, a arquitetura não nasceu simplesmente com a função de abrigo e este não tem sido a única e nem a principal função de um ambiente construído. O habitar apresenta vários objetivos, dentre eles o de estabelecer e criar uma área segura e humanizada, ou ainda o de reforçar a identidade cultural de um povo ou mesmo o de comunicar. A relação do habitar com os espaços públicos e privados modificaram-se nas cidades de forma desequilibrada ao terem seus processos urbanos catalisadas pelos ideais de modernização desenfreada, gerando uma sobreposição significativa das diversas camadas que compunha a paisagem social das cidades.

ⁱⁱⁱ Politereftalato de etileno ou PET é formado por polímeros e utilizado principalmente na forma de fibras para tecelagem e de embalagens para bebidas. In <[http://pt.wikipedia.org/wiki/PET_\(plásticos\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/PET_(plásticos))> Acesso em 27-09-09

ⁱⁱ Marc Augé, Não lugares em seu livro Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade.

ⁱⁱⁱ Vide in <<http://www.overmundo.com.br/agenda/projeto-fora-do-eixo>> Acesso em 01.04.2012

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução Maria Lúcia Pereira. 4.ed. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **Relatos de espaço: A invenção do cotidiano – Artes de Fazer**. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREITAS, Marcos P. Martins de. **Habitar com o corpo: olhar etnográfico na arte urbana**. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUR – RAM, 8., 2009, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires: RAM, 2009. p.213-218.1 CD-ROM

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: Eufba, 2006.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo, Edusp, 2007.

SOUSA, Gabriel Girnos Elias de. **Percepções e intervenções na metrópole**: a experiência do projeto Arte/Cidade em São Paulo. Dissertação de mestrado EESC-USP, 2006

MARCOS MARTINS

Artista plástico, Mestre em Poéticas Visuais pela ECA/USP. Professor na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e Coordenador da Galeria de Arte e Pesquisa – GAP. Integrante dos coletivos de Arte Experiência Imersiva Ambiental – EIA (SP), CONTAINER (ES). Membro dos grupos de pesquisas PLACE - UFES/CNPq; Heterotopias - FASM/CNPq e MITA – Univasf-CNPq.